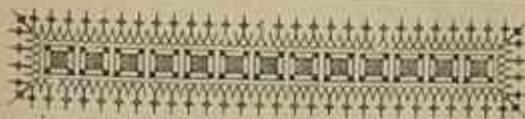


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno 36 n.ºs | Semest. 18 n.ºs | Trim. 9 n.ºs | N.º à entrega | 21.º Anno — XXI Volume — N.º 692 | Redacção — Atelier de gravura — Administração |
|--------------------------------------|-----------------|--------------------|-----------------|---------------------|----------------------------------|--|
| Portugal (franco de porte. m. forte) | 24800 | 12900 | 6950 | 6120 | 20 DE MARÇO DE 1898 | Lisboa, L. do Paço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4. Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva. |
| Possessões ultramarinas (idem)... | 48000 | 24000 | — | — | | |
| Extrang. (união geral dos correios) | 58000 | 28500 | — | — | | |



CHRONICA OCCIDENTAL

Morreu um grande de Hespanha. Conta-se que, um dia, D. Alfonso XII, encontrando-o, lhe dissera:
— *Adiós, Frascuelo.*
Ao que elle respondeu:
— *Adiós, Alfonso.*
Monarcha tambem elle, rei do toureiro. Depois de muitos dias de soffrimento, Salvador Sánchez, *el Frascuelo*, que tantas vezes vira a morte de perto e d'ella zombára, que tantas vezes recebera castigo de sua extraordinaria valentia, expirou no leito, victimado por uma doença dos pulmões, aos cincoenta e quatro annos de idade. Ainda mais que pela arte, em que foi grande, notavel pelo arrojo em que foi sem rival, possuía *Frascuelo* um dos mais celebrados nomes de toda Hespanha.
Com *Lagartijo*, ha bastantes annos tambem já retirado da arena, luctou primasias. Debatiam-se os partidos. *Lagartijo* era o representante da arte cheia de adornos; *Frascuelo* da coragem, que em tantas colhidas o aproximou da morte. Milhares de cartas e telegrammas foram enviados á familia do finado toureiro. Um sem numero de corôas, entre as quaes figurava a de *Lagartijo*, o velho rival e amigo velho, cobriram os degraus da eça.
Como é triste a morte dos que, um dia, nos fizeram o sangue cheio de vida, correr, ardente, pelas nossas veias!
Que alegria, que entusiasmo na praça! E que silencio de ansiedade, quando elle, abatendo o trapo vermelho, apontando a espada aguda, dava o passo decisivo! E as boccas, que mal respiravam, saltaram gritos estridentes, soaram as palmas, os clarins fizeram ouvir notas festivas, a animação cresceu e as mulas entraram a galope, fazendo tilintar as guiseiras e arrastaram o toiro morto!
Que gloriosas tardes, no sol refulgente, que animação nas almas, que luz nos olhos das mulheres!
Bravo, *Frascuelo!*
E foi por isso que, no dia do enterro de Salvador Sánchez, toda Madrid quiz acompanhar o corpo despido da alma tamanha, para ainda accrescentar a tanta gloria mais uma gloria ainda.
E entretanto, como as glorias são fugitivas! As vezes, parece que nem o preciso a morte para d'ella nos homens apagar a lembrança. Sol doirado em poeira volátil, que n'um minuto se apaga! A noite vem depressa, o sol é por outras regiões, os homens são desmemoriados; os portuguezes mais que os outros, e a ingratitude é negra.
Ha poucos dias, n'um dos cemiterios de Lisboa, sem ruido, sem necrologios pomposos, foi enterrado o cadaver do general Joaquim da Costa Cascaes.
Era um escriptor illustre e tivera noites de muita gloria.
Ha tanto tempo! Os novos não o conheceram; os velhos... tantos d'elles foram adeante!
O velhinho devia de soffrer com ver-se tão esquecido. Tanta vez fora aclamado, tanta vez ouvira, entre palmas e vivas, victoriado o seu nome!
Era elle o auctor dos dramas em cinco actos,

O Valido, O Castello de Faria, O Alcaide de Faro, A Lei dos Morgados e A Caridade, do drama em quatro actos, *A Pedra das Carapugas* e das comedias, *O Mineiro de Cascaes, O Estrangeirado, Nem Cesar nem João Fernandes e Uma noite de Santo Antonio na Praça da Figueira*, que era a mais celebre de todas as suas obras.

A ultima vez que se apresentou no palco de D. Maria foi quando ali commemoraram o quadragésimo anniversario da morte de Garrett. O actor Ferreira da Silva recitou uns versos do decano dos auctores dramaticos portuguezes. Depois d'essa noite, que lhe trouxe a lembrança memorias do passado, que o rejuvenesceram, Joa-

quim da Costa Cascaes veiu de visita ao palco mais uma ou duas vezes. Representava-se então *O Alfogeme de Santarem*. Depois tornou a desaparecer, velho, triste, cansado... Se a esperança lhe trouxe uma luz, ninguem o soube, tão fugitiva fôra.

Tudo passa, tudo é ephemero. Vaidades são doidices. E quanta vez uma alegria que vòa nos deixa agrilhoado em desventuras!

Uma pequenina historia contada, salvo erro, por Augier:

Era enorme então o exito de suas peças e o grande dramaturgo recebido de braços abertos por todos os empregarios de Paris. Com um d'es-



CONSELHEIRO ANTONIO DUARTE RAMADA CURTO — GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA

(Copia de uma photographia do sr. A. Hobons)

tes, um dia, conversava elle sobre o ultimo drama que escrevera, quando o continuo entrou com um bilhete de visita na mão. O empresario, com modo desabrido, atirou, seccado, o bilhete para cima da mesa e disse:

— Que espere!

E logo, muito amavel, continuou conversando com Augier.

Quando este, sahio, passadas duas horas, cá fóra pacientemente, como um requerente, sentado na borda d'uma cadeira de palhinha, com o olhar humilde, sorrindo manso, com um rolo de papel sobre os joelhos, estava Scribe.

E Augier jurou com os seus botões que se, um dia, percebesse a propria decadencia, abandonaria para sempre a arte.

Não fóra precisa a morte para que todos olvidassem as glorias de Scribe, o mais fecundo dos actores dramaticos francezes.

Todos os que trabalham têm nos pés aberta a propria cova.

Mas como é triste, quando se fecha, devéras, para sempre, sobre o cadaver!

Um collega nosso, bem conhecido dos leitores do OCCIDENTE, nosso collega duas vezes, porque era conductor de obras publicas, Manuel Barradas, acaba de fallecer, victima d'uma antiga doença contrahida em Africa, onde fóra empregado.

Deixa duas obras originaes *O Infante D. Henrique* e *O General Gomes Freire*, alóra muitos artigos espalhados por varios jornaes litterarios, testemunhos perennes de seu incontestavel merito.

Era um patriota e achava-se filiado no partido miguelista. Foi professor de historia no Instituto 19 de setembro.

As suas excellentes qualidades moraes, intelligencia e instrucção grangearam-lhe muitos amigos.

O trabalhador incançavel cahiu finalmente. De-sejavamos sobre a pedra sepulchral, perfumadas como um ramo de violetas deixarmos cahir umas palavras boas.

Honremos os mortos, aquelles que nos fóram caros e quelles que nos apontam nas suas obras o bom caminho a seguir.

O sr. Queiroz Ribeiro mandou, ha dias, para a mesa da Camara dos deputados o seguinte projecto de lei:

«Artigo 1.º É declarado Pantheon Nacional o templo dos Jeronymos em Belem.

§ 1.º Serão para ali trasladadas á custa do Estado as cinzas dos benemeritos da patria.

§ 2.º A trasladação só poderá effectuar-se precedendo lei e tendo decorrido 40 annos completos depois do fallecimento.

§ 3.º Exceptuam-se das disposições do § antecedente as cinzas de Camillo Castello Branco.

§ 4.º É desde já auctorizado o governo a fazer trasladar para o Pantheon Nacional as cinzas do Visconde de Almeida Garrett.

Art.º 2.º O governo decretará os regulamentos necessarios para a execução d'esta lei.

Art.º 3.º Fica revogada toda a legislação em contrario.»

Sem discutirmos se fó o antigo convento dos Jeronymos templo bem escolhido para Pantheon, não podemos deixar de applaudir a iniciativa do distincto deputado sobretudo na parte que se refere a um prazo de longos annos destinado a confirmar a benemerencia dos que foram julgados dignos d'essas honras posthumas.

A excepção aberta tem razão de ser. Todos unanimes a applaudem. Camillo Castello Branco fica bem ao lado das cinzas de Garrett. Todo o perigo é que, visto o exemplo, queiram accumular as excepções.

A morte é sempre triste, triste para os que se vão, mais triste para os que ficam.

Por isso bem diz Alberto Bramão no seu novo livro *Illusões Perdidas*:

*Quando nos fez, o Senhor,
Como um magnanimo artista,
Deu-nos tudo, ouvido e vista,
E outros dons de equal valor.*

*Mas ao ver a perfeição
Que imprimira ás creaturas,
Quiz compensar taes venturas
E deu-nos o coração.*

E é elle sempre quem canta atravez aquellas paginas melancolicas. Como o não foram se o livro é das illusões perdidas, se uma melancolica quintilha de Espronceda lhe serve de epigraphé?

*Hojas del árbol caídas
Juguetes del viento son:
Las illusiones perdidas*

*Al! son hojas desprendidas
Del árbol del corazón!*

João da Camara.

Conselheiro Antonio Duarte Ramada Curto

GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA

Conhecendo de perto o character austero do actual governador geral de Angola, as suas largas faculdades de trabalho e provada intelligencia, sentimos grande prazer em traçar, ainda que superficialmente, alguns dados biographicos de tão prestante cidadão, honra dos funcionarios portuguezes, e gloria da nação que se deve ufanar de possuir um filho dignissimo, que, pela sua maneira de proceder, se tem tornado credor da estima e consideração dos seus concidadãos.

Antonio Duarte Ramada Curto nasceu em Cezimbra em 25 de janeiro de 1849. Foi seu pae o distincto medico n'aquella localidade, e ali muito respeitado, o dr. João Rodrigues Curto, casado com D. Claudia Maria Ramada Curto, senhora que possuia, além d'um bem formado coração, a rara energia de encarar com serenidade as luctas da vida, o que de muito lhe serviu por ter perdido seu idolatrado marido, quando os filhos mais d'elle careciam pela sua tenra idade.

Dotado de grande força de vontade, e não desejando limitar os seus estudos á acanhada instrucção que podia receber em Cezimbra, Antonio Ramada Curto convenceu a desolada mãe a que o deixasse partir para Lisboa, afim de encetar carreira, fazendo logo (dizia elle) exame d'instrucção primaria, quando apenas sabia ler e escrever!

Alcançada, ainda que com custo, a almejada licença, partiu para Lisboa na idade de 9 annos, o futuro laureado estudante, e apresentou-se a seu primo dr. João Morley, cirurgião em chefe do exercito, que o levou á Escola Academica para saber quaes as habilitações que lhe faltavam para ir a exame.

Como os exames estivessem para breve, foi com pesar que o professor Annaya lhe fez conhecer as disciplinas que precisava estudar para se habilitar, notando que decerto não lhe cabia no tempo o vencer aquella difficuldade. O joven estudante não se acobardou, e voltando-se para o sr. Annaya exclamou: — «então é só isso» — ao que o sr. Annaya com espanto replicou: — «acha pouco» . . .

Apesar do tempo ser escasso conseguiu, á força d'estudo, habilitar-se, fazendo optimo exame. E assim começou a sua gloriosa carreira, seguindo em Lisboa, installado n'uma casa de hospedes, os estudos subsequentes.

Para attestar o seu exemplar comportamento e decidida boa vontade com que seguiu os seus arduos estudos, ahí estão vivos os seus condiscipulos, e, especialmente o seu particular amigo dr. Grogorio Rodrigues Fernandes distinctissimo operador, e um dos mais considerados clinicos pelo seu saber e probidade medica.

Tem Ramada Curto o curso da Escola Medica Cirurgica de Lisboa. Admittido na classe dos aspirantes a facultativos do Ultramar em Portaria Regia de 3 d'outubro de 1870, tendo já o primeiro anno do curso; e assentando praça no corpo de marinheiros da armada em 4 do referido mez e anno.

Sem perda d'anno algum terminou o seu curso, com louvor, no anno lectivo de 1873-1874. Nomeado facultativo de 2.ª classe do quadro de Angola por decreto de 10 de setembro de 1874, seguiu para Loanda no vapor *D. Antonia* em 5 de novembro do mesmo anno.

Promovido a 1.ª classe por decreto de 27 de agosto de 1875; a chefe de serviço de saude por decreto de 14 de outubro de 1880, e graduado em tenente coronel por decreto de 21 de junho de 1887.

Foi nomeado para o ministerio da marinha e Ultramar, chefe da 1.ª Secção da 1.ª Repartição da Direcção geral do Ultramar por decreto de 12 de dezembro de 1886, logar que já servia interinamente, com notavel distincção, em virtude do despacho de 14 de junho do mesmo anno.

Por decreto de 16 de fevereiro de 1890 foi exonerado d'este logar, partindo para Angola em 21 do mesmo mez onde foi desempenhar o seu logar de chefe de serviço de saude.

Regressou a Lisboa em 21 de junho de 1894, e, por decreto de outubro do mesmo anno, foi novamente nomeado chefe na Repartição de saude da Direcção geral do Ultramar, tomando posse em 21 do referido mez.

Quando em 1884 regressava de Angola foi agraciado por Sua Magestade com a commenda de

Christo em premio de relevantes serviços prestados.

Assim que desembarcou em Lisboa e teve conhecimento da mercê, que com tanta justiça lhe fóra conferida, não socegou emquanto não conseguiu que lhe fosse aceite a renuncia d'aquella graça, que se verificou por decreto de 14 de julho de 1884.

A sua grande modestia não permittio n'aquella occasião, que aceitasse o justificado galardão com que os poderes publicos, com a mais louvavel iniciativa e espontaneidade, lhe conferiram, e só mais tarde, por decreto de 28 de junho de 1887, se conseguiu que aceitasse a *Carta de Conselho*, que lhe foi dada pela intelligencia e zelo com que desempenhou as funções de chefe de serviço de saude em Angola, e pelos bons serviços prestados na direcção do Hospital Maria Pia em Loanda.

E com effeito, Ramada Curto, bem mereceu este publico testemunho da munificencia Regia, pois que o hospital de Loanda, a que o Conselheiro Ferreira do Amaral, quando Governador Geral de Angola, deu o nome da excelsa Rainha Senhora D. Maria Pia, é um edificio modelo que se deve á rasgada iniciativa do notabilissimo estadista Conselheiro João de Andrade Corvo, e que Ramada Curto pela sua administração tornou um dos primeiros hospitaes das colonias, e como tal classificado por eminentes clinicos estrangeiros que o visitam.

Este vasto e bem construido edificio é verdadeiramente monumental em terra d'Africa, e excellentemente situado quanto á sua exposição, rivalizando com um hospital de primeira ordem na Europa, pelos recursos essenciaes para a hygieine, serviço clinico e boa alimentação de que dispõe. Na frente tem vinte janellas rigorosamente rasgadas, de feitiço moderno, e o peristilo avançado em frontão, corrido por balaustrada, no topo d'uma vasta galeria central em arcada, que dá ingresso ao hospital, cuja area é de 16.000 metros quadrados. Foi talhado para receber em condições ordinarias 300, e extraordinariamente, 500 enfermos.

Tem seis grandes enfermarias, trinta e seis quartos particulares para officias, sargentos e particulares, além d'uma enfermaria inferior para doze doentes; atravessam-o pateos ajardinados, e entre outras dependencias peculiares, tem capella, e casas annexas, commoda habitação para o director e pharmaceutico, casa de pharmacia e laboratorio, lavanderia a vapor, estabelecimento de banhos, arrecadações, etc.

Aberto este parenthesis, sobre o grandioso estabelecimento a que Ramada Curto tem ligado o seu nome, prosigamos na nossa tarefa biographica.

Possue Ramada Curto as medalhas de prata de assiduidade de serviços, e de ouro pelos serviços distinctos no Ultramar.

Para que se possa bem avaliar a maneira como Ramada Curto se desempenhou das espinhosas missões que no Ultramar lhe foram confiadas, e quanto ali era por todos considerado, passamos a transcrever as apreciações insuspeitas dos diversos governadores geraes, sob cujas ordens servio, durante a sua longa permanencia na provincia de Angola.

Julgamos indispensavel fazer estas honrosissimas transcrições para que se não tome á conta de amizade o que avangamos acerca dos serviços prestados á humanidade e á administração publica por um dos homens mais modestos e dignos que conhecemos.

Em 1877 escrevia de Ramada Curto o Conselheiro Caetano d'Albuquerque, Governador Geral de Angola:

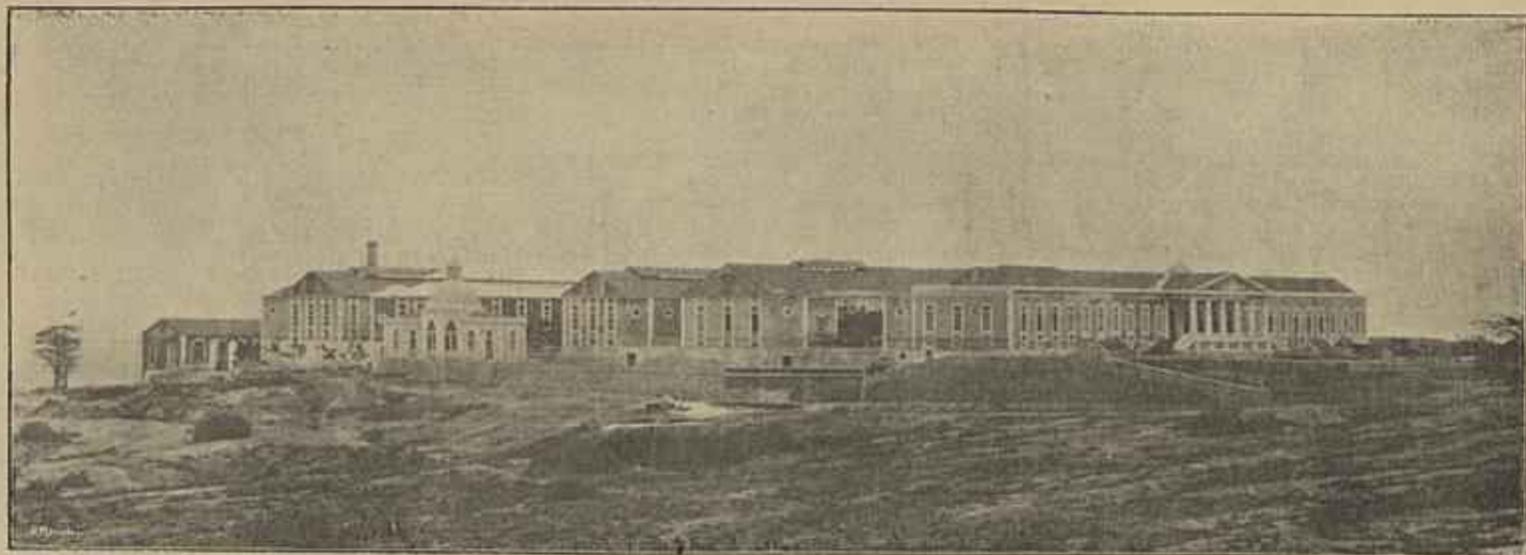
«E' muito distincto facultativo, intelligentissimo de provada honestidade, zelo e dedicacão. Seria justiça a sua elevação a chefe do serviço de saude d'esta Provincia, mesmo com a preterição dos seus collegas, que d'elle se distanciam muito em tudo.»

O Governador Geral Conselheiro Dantas dizia em 1881.

«E' um funcionario de quem formo o melhor conceito. Desempenha o seu logar com muita intelligencia, zelo e acerto.»

No anno de 1883 merecia ao Governador Geral Conselheiro Ferreira do Amaral o seguinte conceito:

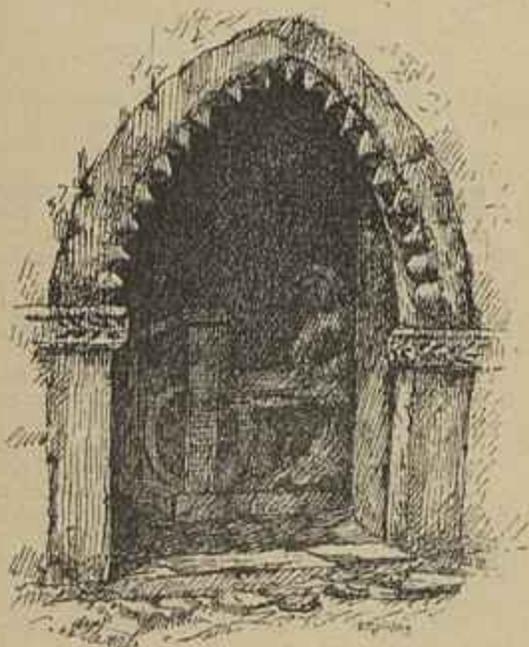
«Este funcionario é modelo como administrador e como clinico. D'uma honestidade nunca des-



HOSPITAL «MARIA PIA», EM LOANDA (Copia de uma photographia)

Vid. artigo Conselheiro Antonio Duarte Ramada Curto, etc.

UMA VISITA A CASTELLO DE VIDE



PORTA NA RUA DE SANTA MARIA DE GIMA

— Ia eu e mais os meus companheiros de viagem, servindo muito amavelmente de cicerones os srs. Antonio Repenicado e Tavares Roza, que illucidava sobre os logares por onde passavamos, como quem bem conhece a historia da sua terra.

— Aqui é a rua de José Xavier Mousinho da Silveira, e a um recanto estava a casa onde elle nasceu, a 12 de julho de 1780. Por cima de uma janella, destacava-se, na parede, uma saliencia em forma rectangular, rebocada e guarnecida de cal.

— E' o brazão que está coberto de argamassa, observou-me o sr. Tavares Rosa.

— Por que?

— Por causa da nova lei que tributou os brazões. Quem tiver brazões no predio, embora aquelles lhe não pertençam tem que pagar imposto!

— Nesse caso os brazões vão desaparecendo. São já tão poucos os fidalgos que tem predios brazoados e conservam seus solares!

— Ainda este foi só entaipado, mas alguns tem sido completamente destruidos!

— E a historia?

— Quem se importa com a historia!

— Pois que se importem ou não sempre direi que o brazão dos Mósinho ou Mousinhos vem dos primeiros tempos da monarchia portugueza. Deu-o D. Affonso Henriques a Gonçalo Mósinho juntamente com rendas, em Castello de Vide, e muito provavelmente sem empenhos, mas sim pelos serviços que elle prestou a Portugal. — Em campo azul, banda de prata, carregada com tres rosetas de púrpura, entre seis estrellas de ouro, de oito pontas, tres de cada lado, em roquete; elmo d'aço

aberto e por timbre, uma aspa de prata, e no meio d'ella uma roseta d'armas.

Tal é o brazão dos Mousinhos, da mais antiga nobreza de Portugal e de que José Xavier Mousinho da Silveira, jurisconsulto e legislador notavel, foi um digno descendente. Ministro da fazenda, em 1823, emigrou para a ilha Terceira em 1828, e lá D. Pedro IV nomeou-o seu ministro, sendo d'elle as leis decretadas, d'aquella ilha em 1832.

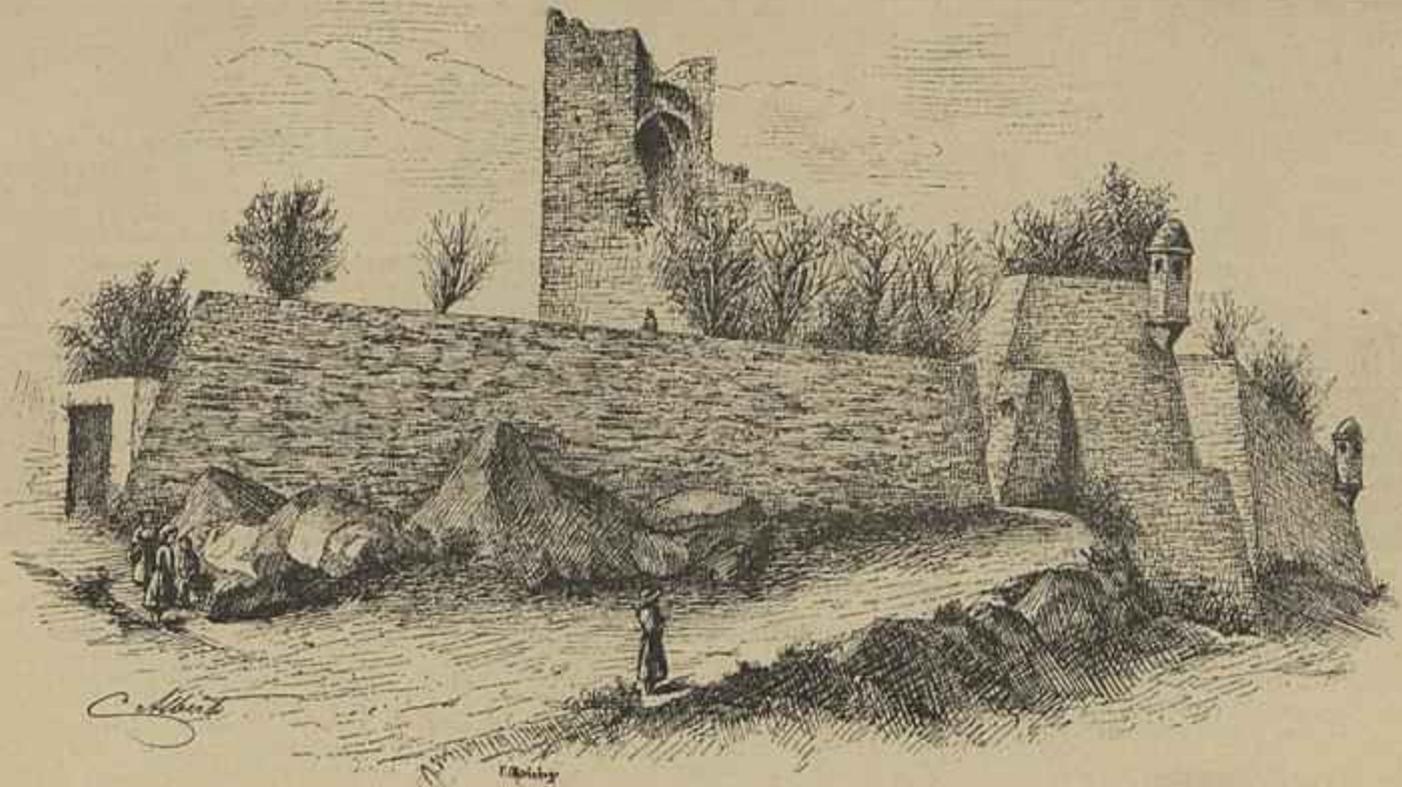
Bagatellas, nadas, em presença dos nossos es-

tadistas de hoje que vão tributando os brazões que desaparecem, e deixando em paz as propriedades figurar nas matrizes por metade ou menos do seu valor.

Tambem por ali nasceu o sabio Morato Roma, mas não vi a casa que lhe foi berço, que me parece deverá ainda existir, n'uma terra que conserva as mais antigas construcções, como portas e janellas em ogiva com que se depara a cada passo, seguramente coevas da fundação da villa.



A TORRE DE MENAGEM



O CASTELLO

conservam tradições e costumes, encontraria scenas palpitantes da vida d'aquelles tempos, cheias de caracter e de verdade.

Como curiosidade fui desenhando, no meu album de viagem, a singular porta, enquanto as teceiras diligenciavam occultar-se com os teares, julgando que eu lhes estava tirando o retrato.

Esquivas e ciosas do seu palminho de cara, como todas que encontrava-mos pelas soleiras nas viellas e terreiros a tomarem sol.

Logo ao cimo da ladeira se levantou em grande chilreada, um bando de raparigas, que pousava ao sopé das muralhas do Castello.

Assim que abri o album para desenharmos a perspectiva, ellas fugiram como presentidos pardaes,

e do alto dos combros e dos muros espreitavam cá para baixo, ainda receiosas de serem pilhadas.

A machinasinha photographica que Arnaldo da Fonseca levava, não as espantava menos, e não foi sem grande dificuldade que elle conseguiu photographar uma mulher do campo, que estava cósendo roupa, junto á porta da casa.

Foi preciso o sr. Antonio Repenicado, que a conhecia, persuadi-la a que se deixasse estar, prometendo mandar-lhe depois o retrato.

Então queria tirar o chapéu de abas grandes, que lhe dava tanta graça, porque ella era bonita, e compôr melhor o lato, para que não se pensasse que, sob a simplicidade e rudeza campesina, não



MULHER DO CAMPO

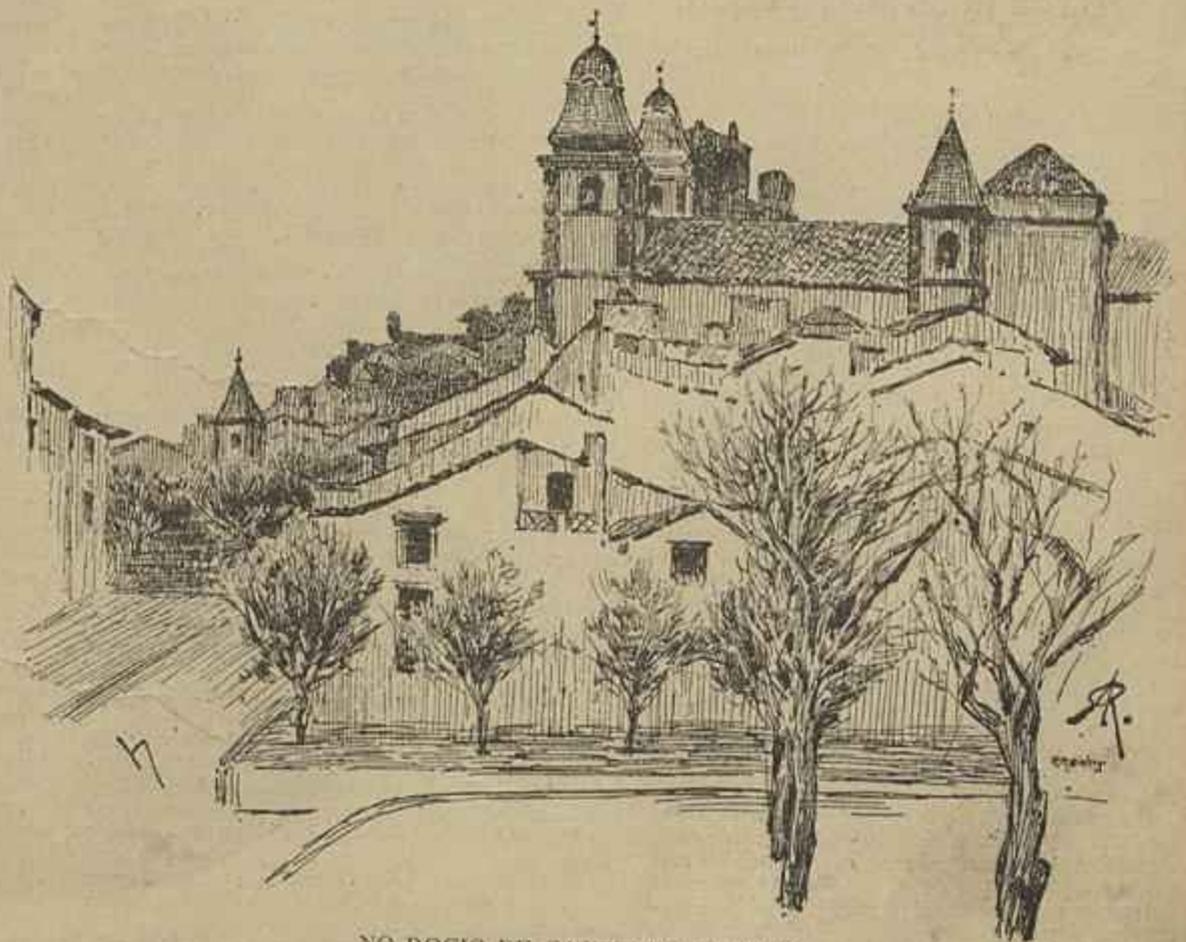
A cada passo disse eu, e não exaggero. Na ladeira que iamós agora subindo, a rua de Santa Maria de Cima, muito estreita e íngreme, vêem-se muitas d'aquellas portas.

Uma, especialmente, chamou-me mais a attenção pela singularidade da aresta da volta ser curvada de bicos em forma pyramidal apresentando duas bolas em seguimento aos bicos, na volta esquerda. Que Foriculo andaria por ali a inspirar o pedreiro!

Mais curioso me pareceu, vêr a dentro d'esta porta, n'uma casa terrea e escura, dois teares de systema primitivo onde duas mulheres teciam sergueiras, tecido tão antigo como aquelles teares.

Para completar este quadro, mediaval, vi n'uma lojinha fronteira um ferreiro, trabalhando á forja e na rua dois machos carregando odres de azeite.

Não seria preciso transportar-se em espirito aos seculos xii ou xiii, ou enfrontar-se em velhos alfarrabios, quem quizesse estudar o viver da edade media; ali, n'aquella villa alemtojana, como em muitas outras terras de provincia, onde mais se



NO ROCIO DE CASTELLO DE VIDE

havia um bocadinho de presunção de mulher.

Não era preciso; já o sabíamos. Assim é que ella estava mais bonita e mais original, e enquanto se resolviam aquellas duvidas e Arnaldo da Fonseca aguardava o momento opportuno de a photographar, eu fui apontando a no meu album, conforme pude, sem ella dar por isso.

Este episodio, um tanto divertido, deu-se logo á entrada do Castello.

Depois continuámos pelas viellas e cangostas, quasi desertas, apesar do muito povo que habita n'aquellas pobres casas meio derruidas.

Em cima, subranceiro a tudo, estava a torre de menagem. Immensa mole, que ainda se impõe no meio da sua ruina.

Assistiu ás guerras da restauração de que Castello de Vide foi theatro. E tão encarnçada se feriu a lucta, por espaço de setenta annos, que deixou bem marcado os seus destroços na praça apesar das reedificações, posteriormente feitas.

A torre, meio desmuronada, ainda sustenta parte da abobada, o que lhe dá a apparencia de uma caverna; é como se lhe tivessem tirado o ventre, deixando vêr a arcada das costellas.

Assim ficou depois da explosão, em 1704, quando os hespanhoes abandonaram a villa.

— Triste memoria deixou do governo d'esta praça o marquez de Villadarias, que foi quem mandou fazer a mina, disse-me Tavares Rosa.

— E' verdade! De memorias tristes está cheia a historia d'esses tempos!

Vamos por aqui observou um dos meus companheiros. E seguimos juntos á muralha, por um carreiro estreito.

A villa ficava em baixo e para além, montes e valles extensissimos, cobertos de verdura; hortas e laranjeas com seus pomos vermelhos; amendoeiras em flôr, a enganarem o diabo; extensos olivais e pelas encostas os castanheiros desnudados erguendo as suas compridas varas para o céu.

— Como isto deve ser lindo lá mais para o deante!

— Em maio já tudo está vestido, e se cá vier não se ha-de arrepender.

— Com muito gosto, agradei eu ao sr. Antonio Repenicao, que amavelmente me convidava.

— Aqui tudo está cultivado. Até o chão d'aquella casa desmuronada, se transformou n'uma horta, e apontava para umas ruinas que se viam em baixo, na cidadella.

— E como é grande a povoação cá dentro!

— E' a antiga villa.

— E aquellas casas, em correntesa com suas chaminés todas eguaes?

— São as casernas!

— As casernas?!

— Sim, e estão todas habitadas apesar da ruina que mostram.

E reparei que algumas quasi não tinham telhado.

— Pobres moradores de tão miseraveis tugurios.

— Pobres sim, mas pagam tres vintens de renda por mez.

— E quem é o senhorio que exprime esses vintens aos desgraçados inquilinos?

— E' o ministerio da guerra que tem aqui um veterano para receber as rendas.

—!!

Embacei com esta.

E ainda ha más linguas que dizem que os bens do Estado não andam bem administrados! Tome nota sr. ministro da fazenda para o seu relatório. Ao menos isto são factos positivos.

Fiquei-me a olhar para as pobres casernas, tão negras, tão velhas que o fumo saia tanto pelas chaminés como pelas telhas. Um homem de barretinho encarnado, á marroquina, atravessou a cangosta illuminada por uma nesga de sol. Parecia um rifenho. O vento trouxe uma nuvem mais densa de fumo e eu fui descendo para a povoação. Ao voltar uma viella estava uma casa com janelas gradeadas e porta chapeada de ferro.

Era a cadeia! Olhei para dentro, pelas grades e nem viv'alma.

A cadeia não tinha ninguem. Passavam-se mezes que não se abria.

Que boa gente, pensei eu; e logo me lembrou que tinha visto a igreja cheia de povo, exactamente o contrario do que acontece em Almada para onde vou todos os annos passar o verão. Ali a igreja é quasi deserta, mas em compensação a cadeia está cheia!

Contou-me então o meu amigo Tavares Rosa, que d'uma vez, em tempos que havia juiz de fóra, um moleiro commettera um delicto a que correspondia a penalidade de uma multa. O processo correu os tramites da lei; foram inqueridas testemunhas e tudo confirmou que o moleiro delinquira. O juiz sentenciou:

... «provado que o moleiro F está incurso no artigo... mas attendendo a que o réu é meu compadre o condemno a pagar só metade da multa...»

— E' boa! Pois se o homem era compadre do juiz e todos nós vivemos em terra de compadres!...

(Continua).

Caetano Alberto.

LENDAS POPULARES CHINEZAS

(Concluido do n.º 689)

Ha dez ou doze seculos, quando regiam o imperio aquelles monarchas abjectos e degenerados das casas *Hou, Tang Sung*, fizeram se importantes applicações do pecegueiro. Os imperadores que passavam o dia a tremer de uma revolução e consumiam as noites a sonhar com os horrores de um attentado, almas covardes corroidas da luxuria e mais asquerosos vicios, tinham grande apego á vida e appellavam para a sciencia dos *taos*, afim de que estes, com seus magicos sortilegios e o auxilio dos espiritos, lhes proporcionassem um elixir de longa vida, ou melhor, de immortalidade.

Afanosamente se consagraram os nigromantes á busca do filtro que os poderosos monarchas requeriam, acertando de pesquisar em velhos alfarabios as tradições sobre a immortalidade.

Tanto escabicharam, que se lhes deparou o seguinte: Lá para as bandas do occidente, terra de appetecidas e decantadas delicias, erguia-se altiva a montanha de Kuen Sun, habitada por uma deusa, servida por fadas que, em bulicioso côro, aspirava os perfumes da immortalidade e do amor n'um bosque de pecegueiros. Estas arvores da vida eram de forma tão extraordinaria como os effeitos que produziam. Nasceram e levaram seis mil annos a desenvolver-se, e só de tres em tres mil pendia das suas ramadas o desejado fructo. A imperatriz do Oeste, que n'aquellas regiões tinha a sua côrte, fez repetidas dadias do fructo a benefeitores da terra, almas puras, que d'est'arte obtiveram o dom da vida eterna e do amor sem macula.

D'esta crendice nasceu o vehemente desejo de encontrar no pecegueiro dos campos o filtro da longevidade, fazendo-se na China mais tentativas e estudos para attingir este absurdo *desideratum* do que na Europa despezas e ensaios em cata da pedra philosophal. Acreditou-se algum tempo que qualquer arvore tinha aquella virtude e, n'esta expectativa, reduziram-se a cinzas os troncos de muitas, convertendo-se em elixires mysteriosos, que se tomavam de envolta com mysticas invoções.

O resultado foi pouco proficuo, todavia o arvoredo ficou sendo objecto do culto dos chins; o pecegueiro, esse, adquiriu fóros de patrono da vida humana.

Isto pelo que toca ás suas virtudes como conservador da vida, mas outras propriedades, não menos valiosas, encerra em si o pecegueiro, como já deixámos dito, no respeitante a virtudes conjugaes. Senão que o atestem os innumeráveis arcos de triumpho que se vêem orlando as ribeiras no imperio.

Arcos de triumpho! dirá o leitor pasmado. Sim, deixem-nos que lhe demos conhecimento de mais essa rãtona e barbara usança, filha do fanatismo da fidelidade conjugal.

E por extremo exdruxula a maneira que os chins têm de comprehender os laços affectuosos na familia. Dispensam a menor quantidade possivel de carinhos para com as mulheres, e em troca exigem d'estas os sacrificios dos seus sentimentos mais levantados, e até do seu amor proprio, a fim de se conservar a paz no lar domestico. A isto accresce poderem repudiar-as por causas tão futeis, como a de serem falladoras, ou tão injustas, como as provenientes de esterilidade.

E, não contentes ainda, pretendem aquelles orientaes reclamar das suas esposas a suprema provação, o holocausto da sua propria vida, quando, tendo elles cumprido o seu fado n'este mundo, querem ver dissolvida a familia com a sua morte.

A lei escripta nada diz sobre a situação das viuvas ao perderem o marido; todavia o costume, essa segunda legislação, que se impõe com mais força na consciencia popular do que todas as disposições dos codigos, exige que a mulher n'aquellas condições permaneça o resto dos seus dias encerrada em estreita reclusão, para chorar o homem que não quiz, nem soube, apreciar a no seu formoso papel de companheira na vida.

Procedendo assim, a mulher não cumpre mais

do que um dever social de convenção, para nós, mas para elles indeclinavel. Querendo tornar-se distincta pelos seus extremos, é preciso que, durante a enfermidade do marido, não só o pense com singular esmero e disvelo, como que, se-quiouosa de transmittir lhe a propria vida, abra as veias para que o paciente beba o seu sangue, ou mutilo o corpo preparando com a carne arrancada uma beberagem prescripta pela medicina.

De tal maneira devem haver-se na China as esposas excepcionalmente amantes dos maridos. Não se creia que a mutilação alludida seja ficticia ou simulada, não; com a maior heroicidade cortam estas martyres pedaços de carne dos braços, etc., e os servem aos enfermos da sua familia, acreditando piamente que, d'este modo, lhes infundem a saúde e a vida que ellas fruem. Não termina aqui o sacrificio; se o esposo querido é chamado perante os altos juizos de Deus, um terror tremendo assalta a viuva.

Como se arranjará o marido no outro mundo? Quem lhe proporcionará ao espirito os gosos que na terra recebia por intermedio da materia? E, em summa, a ellas proprias, que porvir as espera no mundo, pobres flôres sem sol, aves sem ninho, seres sem lar nem patria?

Inevitavelmente começa a germinar-lhes no cerebro a idéa do suicidio, que realisam sem espalhafato, sem exaltação, sem medo.

A viuva decidida a ir acompanhar o esposo alem tumulo, faz tranquillamente os preparativos necessarios, participa a sua resolução á familia e convida as amigas a assistirem á sua partida para a eterna viagem. Apraza-se o dia da lugubre cerimonia, marca-se o logar no campo, a arvore da aldeia, ou o velho sicomôro do sanctuario, em cujas ramadas ha de enforcar-se a inconsolavel viuva.

Todos os parentes, os amigos, a vizinhança, e até as proprias auctoridades, correm a presenciar o acto.

Apparece a paciente, que, não podendo andar livremente, se apoia aos hombros das creadas. Traz a cara coberta por transparente véu, veste os seus mais ricos trajos, ella propria é portadora na mão da corda de seda, que um amigo ata a um tronco.

Sem vacillar, despede se a viuva dos presentes, sobe a uma mesa adrede disposta, cinge os pés com uma facha, e, passando o nó ao pescoço, derruba a mesa, suspendendo-se no ar.

Tudo é gloria e chovem as bênçãos sobre aquella mulher. No dia seguinte á cerimonia do seu enterro, concorre o povoado em peso. Os litteratos enaltecem o feito, os farranchos de vizinhos commentam o caso e applaudem-lhe o esforço. As auctoridades têm abrigação de comunicar o facto ao imperador, o qual, subejas vezes, movido pelas circumstancias do acto, ordena que, a expensas do thesouro local, se erija um arco de triumpho em honra da heroica viuva.

Cabe agora dar conhecimento da lenda de *Vangghi*.

Este personagem vivia no tempo da dynastia *Tsin*, nas vertentes da montanha *Kuchau*, todo entregue á agricultura. Surprehendido um dia pela chuva ao ir cortar lenha a um bosque, refugiou-se debaixo das lapas de uma caverna, onde encontrou varios anciãos jogando o xadrez. Durante a partida um d'estes velhos deu a *Vangghi* uma fructa parecida com o caroço da tamara, dizendo-lhe que a comesse. Assim o fez, caindo em profundo somno.

Decorrido algum tempo os anciãos despertaram *Vangghi*, dizendo-lhe que já havia dormido e que voltasse para casa.

Este foi a pegar da acha que trouxera consigo, mas o madeiro desfez-se-lhe nas mãos.

Ao entrar no povoado, viu que não existiam já vestigios nem da sua casa nem familia; informando-se, soube com assombro que eram passados muitos seculos desde a feita em que se ausentára. Attonito e maravilhado, encaminhou-se para as montanhas decidido a fazer vida de anachoreta e entregar-se ás praticas taonistas, o que lhe valeu a immortalidade.

Abundam na China as montanhas sagradas, todavia a mais importante é a de Kuen-Lun. Tem dez mil leguas de circumferencia e onze mil de altura. Rodeiam-na quatro rios, cujas aguas são respectivamente azues, brancas, vermelhas e pretas. Frondosas arvores de jada ostentam nos seus ramos o fructo da vida eterna e em seu ambito dá tres voltas á torrente amarella de *Tanshuci*, que salva da morte quantos bebem suas aguas.

N'esta montanha de Kuen Lun vive a rainha *Si van Mú*, imperatriz do Oeste, acompanhada sempre de nymphas e anjos de azas azues que servem de mensageiros junto dos homens a quem sua senhora distingue.

O seu palácio acha-se edificado com pedras de tres côres, viçosas como as rosas dos seus jardins, e encerra lagos de perolas onde nadam animaes extraordinarios pela forma e lindas pennas.

A lenda de Kuen-Lun não passa, no fim de contas, de uma adaptação terrena do paraíso budista.

Bento da França.

RETRATO DE SÁ DE MIRANDA

(Nota apresentada na Academia Real das Sciencias em sessão de 10 de Fevereiro de 1888)

Sugeridas pela primeira das tres interessantissimas communicações¹ que o sr. Francisco Marques de Sousa Viterbo acaba de apresentar, peço licença para dizer duas palavras em additamento.

Mas antes de as proferir, e aproveitando o ensejo da justa commemoração tecida pelo sr. Dr. Theophilo Braga, a propósito do fallecimento de João Pedro da Costa Basto, — fallecimento que representa para a Academia uma perda irreparavel e sentidissima, — seja-me tambem permitido tomar parte nessas demonstrações. Fui eu dos socios correspondentes o derradeiro a quem a benevolencia do illustre finado proporcionou com seu voto a honra do ingresso nesta casa; e, quando tal honra lhe fui agradecer (ha pouco mais de dois mezes), bem longe eu estava, e bem longe estavam todos, de que tão cedo o perderiamos! Hoje, ao mencionar-lhe o nome, prezo-me de affirmar os meus sentimentos de gratidão e saudade á memoria d'aquelle venerando ancião, que estreitamente alliava a um caracter adoravel e a um coração de ouro a vasta e profunda erudição de um verdadeiro benedictino.

Pósto isto, intrarei agora no additamento que me proponho fazer ás palavras do sr. Sousa Viterbo a propósito do retrato, gravado em cobre, com que vem acompanhada a rarissima edição das *Satyras de Francisco de Sá de Miranda*² impressas no Porto por João Rodrigues em 1626, — retrato que (segundo tive occasião de verificar no exemplar a que allude o sr. Sousa Viterbo) accusa deveras um tosco buril, em harmonia com o que dizem no *Diccionario Bibliographico Portuguez*; Innocencio Francisco da Silva, e vinte e seis annos depois a sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos no livro assombrosamente monumental, com que a illustre escriptora brindou as lettras portuguezas sob o modestissimo pretexto de fazer imprimir em Halle no anno 1885 uma nova edição das *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*.

Quando a sr.^a D. Carolina Michaëlis deu á luz esse prodigioso fructo dos seus fecundissimos estudos, procurou ella prepôr-lhe um retrato do Poeta, e neste sentido fez altas diligencias para descobrir aquelle que lhe constava achar-se adornando a edição das *Satyras* publicada em 1626; baldadas, porém, foram suas tentativas, que nenhum exemplar logrou haver á mão; quer do livro, quer do retrato. E, para lhe não ficar frustrado o louvavel intento, offereceu-se-lhe como unico recurso a gravura apontada pelo bibliographo Innocencio entre os retratos colligidos por Diogo Barbosa Machado e hoje arrecadados na Bibliotheca Nacional do Rio-de-Janeiro.

D'essa gravura obteve a sr.^a D. Carolina uma copia photographica, e por esta mandou executar em Munich uma reproducção — reproducção que está mui longe de qualificar-se como obra aprimorada, o que a talentosa escriptora benevolamente explica por ser «gravura antiga e já gasta» aquella que na photographia se reproduzira.

Ao tempo em que lia tal declaração, andava eu na Bibliotheca Nacional de Lisboa (onde exerceo o cargo de Conservador) estudando as edições que naquelle instituto existem das obras de Sá de Mi-

randa. E grande foi o meu alvoroço, grandissima a alegria que senti (d'essas alegrias que se não descrevem nem se definem, e que só comprehendem quem anda nestas coisas mettido!), ao depararem-se-me collados, nas guardas de dois exemplares, dois bellos retratos de Sá de Miranda, mui delicadamente abertos a talho-doce, e perfeitamente em harmonia com aquelle que a sr.^a D. Carolina publicára na edição das *Poesias*, salva a differença de inculcar-se neste um buril tosquissimo e revelar-se pelo contrario um fino buril nos da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

E perante essa divergencia, e perante sobretudo as condições de «gravura antiga e já gasta» declaradas pela sr.^a D. Carolina Michaëlis com referencia ao retrato do Rio-de-Janeiro, inclinei-me a conjecturar que — representando estampagens da mesma chapa todos os tres exemplares — corresponderiam dois d'elles ao estado primitivo da lamina e o terceiro á sua derradeira phase de chapa avariada, sem todavia me repugnar em absoluto a hypothese de que o verdadeiro motivo da falta de nitidez na reproducção fôsse a impericia ou a incuria do artista allemão, a quem na Baviera se confiou a execução do trabalho.

Para a sr.^a D. Carolina, que não teve presente o exemplar da gravura existente na Bibliotheca do Rio-de-Janeiro, e que não conhecia os dois pertencentes á Bibliotheca de Lisboa, a impericiação da reproducção graphica explicava-se pela «gravura antiga e já gasta», — circumstancia que aliás se combinava perfeitamente com a affirmativa do bibliographo Innocencio no tocante ao retrato da edição das *Satyras* («um retrato do poeta grosseiramente gravado em chapa de metal»).

Hoje que eu pude comparar os dois retratos da Bibliotheca Nacional de Lisboa, e a reproducção executada na Baviera, com a gravura que acompanhou em 1626 a edição das *Satyras*, (graças ao exemplar que suscitou ao sr. Sousa Viterbo a sua curiosissima communicação), hoje, depois de ter eu verificado pertencerem a duas chapas absolutamente diversas e a dois buris de merito diversissimo os quatro retratos a que me refiro, cabe-me o prazer de noticiar onde se encontram, e onde portanto poderão admirar-se, os dois bellos retratos que de Sá de Miranda possui a Bibliotheca Nacional de Lisboa no seu «Gabinete dos livros reservados».

Quem nesse opulentissimo repositório de edições raras e preciosas buscar a d'*As Obras do Doctor Francisco de Sá de Miranda*³ impressas por Vicente Alvares em 1614, achará nada menos que dois exemplares, um dos quaes proveniente da celebre Livraria de D. Francisco de Mello Manuel da Camara (vulgarmente conhecida pela designação de «Livraria do Cabrinha»).

Collada na guarda que defronta com a folha-de-rosto, apresenta esse notavel exemplar um dos retratos que mencionei, — desenho rectangular que mede proximoamente 0^m,128 de altura por 0^m,067 de largura⁴ e que na parte inferior diz assim em duas linhas de elegante cursivo: — *Verdadeiro retrato do D. Francisco de Sá de Miranda*.

A gravura, antes de collada apartaram-na rezvez pelo triplice filete que lhe serve de guarnição, d'onde resulta impossivel averiguar as dimensões das margens que apresentaria inicialmente, e assim ficamos tolhidos outrosim de verificar se no pé da chapa existiriam porventura abertos os nomes do desenhista e do gravador.

Vejam agora, ainda no mesmo «Gabinete dos livros reservados», os dois exemplares que lá existem da obra seguinte, mui rara, impressa em Lisboa por Antonio Alvares no anno 1622: — *Comedias famosas portuguezas. Dos Doctores*

*Francisco de Sá de Miranda, & Antonio Ferreira*⁵.

Um d'esses dois, tambem adquirido pela Bibliotheca Nacional na compra da Livraria-Cabrinha, offerece, collado na guarda fronteira á folha-de-rosto, outro exemplar do retrato, em tudo igual (salvo no letreiro) ao que primeiro mencionei. O letreiro mostra que foi retocado na chapa, depois de estampadas as primeiras provas (pois que nelle lhe trocaram por *de* o *do* e lhe obliteraram o *D*), e diz assim: — *Verdadeiro retrato de Francisco de Sá de Miranda*. Combina exactamente com similhante modalidade (correspondente á segunda estampagem da lamina) a reproducção aproveitada pela sr.^a D. Carolina Michaëlis. E com essa modalidade combina igualmente o retrato de Sá de Miranda, que para a sua riquissima colleção iconographica adquiriu em Paris o sr. Annibal Fernandes Thomaz, erudito bibliophilo e bibliographo residente em Aveiro⁶; é infelizmente um exemplar mal-tratado e tambem aparado rente com o filete da moldura⁷.

O exemplar que aponteji das *Comedias*, — e que, antes de incorporado na Livraria de D. Francisco de Mello Manuel da Camara, pertenceu (como indica o *ex-libris* impresso) á Livraria de Monsenhor Joaquim José Ferreira Gordo, — traz nota manuscripta de haver tambem pertencido em tempos ao Dr. Bartholomeu Cardoso (Promotor e Deputado do Santo-Officio em Lisboa).

Por ultimo resta uma pergunta a fazer: — A que obra pertence porventura (se para ornamentação de qualquer livro foi adrede elaborada) a bella gravura de que tenho estado a occupar-me, e cuja execução poderemos aproximadamente circumscrever á primeira metade (ou talvez mesmo ao primeiro quartel) do seculo xvii?

Por mim, confesso que não logro atinar com a resposta. E apenas me limito a ponderar que no exemplar das *Comedias*, que indiquei, outrora pertencente a Monsenhor Ferreira Gordo, ha collado na guarda de papel-de-côr, que fôrta internamente a pasta da encadernação, um oitavo de almasso, no qual por letra do referido Monsenhor Ferreira as seguintes palavras: — «Este exemplar tem o retrato de Francisco de Sá e Miranda, que não ha em outros.»

Na Memoria preliminar, com que a sr.^a D. Carolina Michaëlis abre a sua edição critica das *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, refere-nos esta insigne escriptora que o Visconde de Jurumenna observára em tempos um exemplar das *Comedias* (de 1622) acompanhado de retrato. Seria porventura o exemplar da Bibliotheca Nacional com o retrato collado? ou seria qualquer outro, existente em mãos de particular, com gravura intacta que a tal exemplar legitimamente pertencesse? Respondo apenas que não sei.

O que sei é que para a edição das *Satyras* (1626) não foi tal retrato destinado: — 1.^o porque as acanhadas dimensões do in-8.^o em que se estampou aquella edição, como verifiquei no exemplar que teve presente o sr. Sousa Viterbo, não comportariam elegantemente a intromissão de uma gravura que mede ao alto 0^m,128; — 2.^o porque o retrato gravado para a edição das *Satyras*, em lamina proporcionada com o tamanho das paginas do livro, é evidentemente, e incontestavelmente aquelle que no sobredito exemplar, examinado pelo sr. Sousa Viterbo, tive occasião de ver.

Seja porém qual for a proveniencia da gravura que constitue o principal objectivo d'esta minha nota, e cujos dois exemplares existentes na Bibliotheca Nacional de Lisboa se me affigura que não andarão sobejamente vulgarizados (pois que nunca em parte alguma os encontrei indicados, nem

¹ Constitue, no consuetudinariamente chamado «formato in-4.^o», vol. de 4 fls. innumeradas e 164 numeradas na frente (das quaes a fl. 88.^a é completamente em branco).

² O frontispicio apresenta-se pela seguinte: [Comedias] famosas [Portuguezas]. [Dos Doctores] Francisco de Sá de Miranda, & Antonio Ferreira. [Dedicadas a Gaspar Barboza de Faria]. [Logar occupado por gravura de madeira, que representa insignia-de-impresor.] [Em Lisboa,] [Com todas as licenças, & approvações necessarias.] — [Por Antonio Alvares Impresor, & mercador de livros.] [E fogos a sua conta, Anno 1622.]

³ Pintado a oleo, descobri recentemente este illustre iconophilo na Bibliotheca Publica de Zúria um retrato que lá figurava attribuido a outra personalidade litteraria. Apesar de autorizado pelo sr. Annibal Fernandes Thomaz a fazer uso dos pormenores que elle obsequiosamente me referiu no tocante ao seu descobrimento, não quero practica a indiscreção de usurpar-lhe a iniciativa em assumpto para que o reclama a sua especial competencia. Aguardemos, pois, a noticia que sobre o interessantissimo caso me compete o prazer de imprazal-o a brevemente publicar.

⁴ Outro exemplar da mesma gravura (ignora a qual das modalidades correspondente) existe em Vienna de Austria na Bibliotheca particular do Imperador, segundo se lê (em pag. 337) no vol. xviii recentemente publicado dos *Annuaire da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*.

¹ «O sr. Sousa Viterbo fez tres communicações: «A 1.^a sobre a edição das *Satyras* de Sá de Miranda, impressas no Porto, e de que appareceu agora um exemplar, que fui adquirido por um dos nossos mais distinctos bibliophilos A sr.^a D. Carolina Michaëlis não tinha podido alcançar esta edição, apesar de ter empregado os maiores esforços.»

«Apresentou uma copia feita á penna do retrato que acompanha esta edição.»

Diario de Noticias — N.^o 11255 (Lisboa 11 de Fevereiro de 1898), pag. 2, col. 6.

² In-8.^o de 4 fls. innumeradas (em uma das quaes o retrato gravado) e 230 pag. numeradas (com a errada numerção de 140 a derradeira d'estas).

Diz assim o frontispicio:

[*Satyras*] de Fran[co] de Sá de Miranda [Logar occupado por vinheta decorativa.] Impressas no Porto por João Rodrigues, Com as licenças [necessarias, Anno 1626.]

³ No habitualmente denominado «formato in-4.^o» constitue vol. de 12 fls. innumeradas e 160 numeradas na frente. Seu frontispicio offerece os seguintes dizeres:

[*As*] Obras [do Doctor] Francisco de Sá de Miranda. [Agora de novo impressas com a bella] ção de sua callidade, & c. [Logar occupado por vinheta decorativa.] [Com todas as licenças necessarias.] [Por Vicente Alvares, Anno de 1614.] [Com Privilegio Real por dez annos.] — [Domingos Fernandes] Livreiro [Trazendo a 160. reis em papel.]

⁴ A sr.^a D. Carolina Michaëlis diz que o original da sua reproducção mede 0^m,125 x 0^m,067, o que representa na altura uma differença de menos 0^m,003 em relação aos dois retratos que eu proprio cuidadosamente medi na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Convenço como estou de que (perante a identidade dos pormenores graphicos) para todos os tres retratos (o do Rio-de-Janeiro e os dois de Lisboa) heuve tão somente uma unica chapa, atrevo-me a conjecturar naquella discrepância (dos 0^m,003 a menos) lapso de quem no Brazil procedeu á medição (quãquã não metter em conta o filete exterior da respectiva moldura. — filete que na reproducção não apparece, o que deixa entrever a hypothese muito provavel de estar suprimido pelo exaggerado aparo da gravura no exemplar da Bibliotheca Nacional do Rio-de-Janeiro).

d'elles tinha conhecimento a sr.^a D. Carolina Michaëlis), pareceu-me que não seria, talvez, desatado nem fora de proposito, como singellissimo appendice a communicacão proficientemente apresentada pelo sr. Sousa Viterbo, denunciar perante a Academia Real das Sciencias tão preciosa e tão recommendavel especie.

Xavier da Cunha.

OURO ESCONDIDO

NOVELA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

(Continuado do numero anterior)

IX

Que começa fazendo perder a paciencia a Amalia e acaba fazendo-a perder ao engenheiro

Aquella noite, dormiu a Amalia tranquillissimo somno: e no domingo pela manhã, quando acordou, tinha apenas uma ideia unica; ir á missa com a mãe e deitar a formidavel carta no tão complacente marco postal. Com respeito a marcos complacentes, conhecia um, á esquina da rua; a dificuldade, porém, estava em deitar a carta sem que ninguem desse por tal. Viu a donzella, a um tempo, o obstaculo e o remedio; poz-se a escrever outra carta, na presença da mãe, e fez com que esta lhe perguntasse:

«A quem estás tu escrever». «A Beatriz», respondeu, — á que está no collegio; digolhe que, se tu dères licença, vou vê-la, no domingo que vem. «E aqui está como o marco condescendente da esquina, á hora da missa, recebeu duas cartas em vez de uma só.

«Está prompto!» — pensou, e apertou instinctivamente o passo;... teve, porém, de parar porque a mãe ficara para traz.

«Está prompto» — repetia pela rua fóra, e deante do altar-mór, ao *Introito*, como ao *Ite missa est*, a joven, sem dar por isso, dizia ainda: «Está prompto!»

Em vez, porém, de allegrar-se, conforme desejava, sentia-se inquieta; se não fóra absurdo, teria dito que estava arrependida.

«Não pensemos mais em semelhante coisa, murmurou de si para si, ao sahir da igreja, e quando tornou a passar por deante do marco postal, verificou a que hora tiravam as cartas e pensou:

«Já lá não está, a estas horas já deve estar na administração, quem sabe se n'este instante lhe não pegaria um empregado, e dirigindo olhar curioso ao sobrescripto com letra de imprensa, lhe estará pondo o sello e a atire depois para o lado.

O que está feito, está feito; não pensemos mais em tal.

No momento, porém, de entrar em casa, viu um carteiro que atravessava a rua apressado e disse: «Talvez seja este o que vai levar a minha carta e antes d'uma hora o Frederico tẽ-a-ha em seu poder».

Uma hora depois, consultou o relójo e acrescentou:

«Está a recebendo n'este instante, olha para ella, abre-a, lê-a;... ao principio, fica sem entender palavra, mas depois, entende tudo; ri... mas lá lhe fica a roer... dá voltas ao miolo, quizerá adivinhar quem é que poderá ter-lhe enviado aquellas tres impertinencias impressas...: uma mulher, não ha duvida... e, coitado, entra a passar revista ao regimento das que lhe quizeram bem e das que lh'o não quizeram... porque é de suppor que uma ou outra o tenham tambem achado antipathico... Ora! o que está feito, está feito... não pensemos mais...»

Mas quando tornou a vêr o dicionario, e quando chegou a correspondencia do doutor Roque, e em cem occasiões mais, Amalia, n'aquelle dia, disse consigo, que estava feito «e que não havia que pensar mais n'aquillo» — mas pensava.

A meza, alvo dos olhares curiosos do Romulo, do doutor Roque e de Tranquilina, emquanto o Joaquim estava ponderando o humor, o ingenho, os modos, os sentimentos, os nervos e tudo o mais que dizia respeito ao engenheiro Enéas, escutava, sorrindo; mas de improviso pensou:

«E se elle suspeitasse!»

E apenas lhe occorreu semelhante duvida, deu-a logo como certa.

«Sim, deve ter suspeitado; é natural, está fora de duvida. Esteve cá, no outro dia, pela primeira vez; falei-lhe desabridamente; não lhe dei a mão quando, no acto de sahir, me offereceu a sua:...

Sim, sim, deve ter suspeitado!... E é capaz de

vir por ahí, afim de certificar-se... e para me cravar no rosto aquelles olhinhos languidos... para me fazer córar!...»

E, ao que parecia, continuou escutando; porém já não sorria; Joaquim proseguia impassivel. Pensava ella:

«Se vier, fecho me no quarto e não lhe appareço... Magnifico!»

Convencer-se-ha assim mais depressa de que foste tu, e como é tão presumido, sem duvida acreditará:... que irá elle acreditar!»

N'este ensejo fixou a Amalia os olhos no prato; já não escutava: callou-se o Joaquim e o doutor Roque exclamou bruscamente:

— Esta reflectindo... deixemo-la reflectir. Ella lh'o explicara com mais vagar: que pressa que os senhores têm!

A donzella, assustada, ergueu a cabeça.

— O que ha?

— O que ha, a respeito de quê?

— O engenheiro Enéas...



UM RETRATO DE SÁ DE MIRANDA

— Ah! sim!... o engenheiro Enéas.

— Pois não é verdade — accudiu o Romulo — que é um rapaz muito estimavel?

— Capaz de fazer feliz uma mulher...

Amalia teve subita inspiração e prorompeu, com energia:

— Se elle me quizesse — quem sabe? talvez casasse com elle.

E emquanto os velhos riam, sentindo-se como que consolados e descreviam com emphaticos conceitos o prepotente amor do engenheiro, a joven dizia consigo:

«Assim, ao menos, poderá suspeitar quanto quizer, mas não dirá que conseguiu despetar me com sua indiferença nem tão pouco que me apaixonou por elle...»

E tão presumido, que o acreditaria com certeza... Agora pode vir quando quizer; já lhe não tenho medo...

E poz-se a olhar para a porta com ares de quem lança um répto; o Frederico, porém, nem então, nem depois se apresentou.

A noite, quando o doutor Trombeta dirigiu o costumeado olhar para o relójo e começou a phrase sacramental: «Meninos, já é tarde; são horas...» Romulo, como se o movesse mola invisivel, poz-se

de pé em todo o seu comprimido e tanto, que aos que ainda estavam sentados deve ter parecido interminavel. Em presença de tão solemne acto, o proprio doutor Roque ficou de bocca aberta, e o troço da phrase que já sahira em vão esperou pelo que faltava.

Romulo mirou de soslaio a excellente Tranquilina — ah! formosa ainda! tornou ella a dizer, como que em sonho instantaneo, — outra casa, outro lar e outros dias, já remotos e em que lhe faltou valor para erguer-se de modo igualmente solemne e por conta propria, e fechando os olhos para conservar a illusão, disse:

— Doutor Trombeta, senhora Tranquilina, tenho a honra de lhes pedir a mão de sua filha, a menina Amalia, para o engenheiro Enéas Ferri, meu amigo.

— E nós de lh'a conceder — respondeu o Joaquim a rir.

— Devagar — resmungou Roque, estudando nos olhos da donzella a resposta que lhe convinha dar — devagar: não sei se... quero dizer... Tranquilina e eu não sabemos por ora... Em fim, tu queres ou não?

Estas ultimas palavras eram para a Amalia, que conservava os olhos fixos na lareira e não abria a bocca.

— Já disse que sim — observou o Joaquim.

— Disse — confirmou Tranquilina — «Se o engenheiro Enéas me quizesse...» disse a Amalia «e quem sabe...?»

— Mas o engenheiro Enéas quere-a, e quando um engenheiro como elle diz que quer, podem estar certos de que sabe o que diz.

Assim fallou o Joaquim, e o doutor Trombeta, resmungando mais do que nunca e sem despegar os olhos de cima da rapariga, replicou:

— E então, talvez... quem sabe?

— Quem ha-de saber? — balbuceou o Romulo.

— Eu, por exemplo, — respondeu a Amalia rindo — unicamente o que sei é que me não desagradava o engenheiro Enéas: que o estimo pelos seus bons sentimentos; que as suas traquezas me não causam riso; que me peñhora o seu pedido... e mais não sei. Se farei bem ou mal em o aceitar, se é possivel que venha a gostar d'elle qualquer dia, por ora ainda não sei, mas quero saber-o.

— E que havemos de responder? — balbuceou o Joaquim.

— Que durante um mez quero conservar a minha liberdade de solteira.

— Quer dizer, que, ou o engenheiro Enéas, ou nenhum — accudiu o Joaquim e esfregou as mãos.

O doutor Roque protestou com toda a energia de que era capaz perante a sua tyranna, a qual permaneceu um instante irresoluta, e a final prorompeu com energia:

— Sim, ou o engenheiro Enéas, ou nenhum.

O Joaquim commetteu sem duvida a falta de esfregar as mãos com satisfação um tanto orgulhosa, porque o doutor Roque, assim que a Amalia se afastou, desfez-se em invectivas contra esses amigos desastrados, que julgam fazer muito bem tudo e deitam sempre a perder aquillo em que tocam; contra certos individuos com quatro palmos de estatura, que não quizeram crescer mais para terem pretexto de jamais procederem com juizo, e contra esse deus (com letra minuscula) que obriga um pobre pae, gotoso e invalido, a entregar-se nas mãos de semelhante gente, para que lhe procurem marido para sua filha.

(Continúa)

Pin-Sel.

Almanach Illustrado do «Occidente»

Para 1898

Está a publico este interessante annuario profusamente illustrado e com primorosa collaboracão litteraria.

A capa é um lindo chromo representando o «Adamastor». Preço 200 réis, pelo correio 220 réis, cartonado 300 réis.

A venda em todas as livrarias e na EMPRESA DO «OCCIDENTE» — Largo do Poço Novo — Lisboa.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 29